



CONCÍLIO VATICANO II DEI VERBUM

Prof.^a Dra. Mariana Aparecida Venâncio

A cronologia do Concílio

- No dia 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII, dois meses após sua eleição, anunciava o Concílio.
- Em 18 de junho de 1959, a **comissão antepreparatória** enviou uma carta aos bispos, reitores de universidades católicas e faculdades de teologia, superiores de congregações religiosas e aos organismos da Cúria Romana, coletando indicações de temas para o Concílio.
- Em 5 de junho de 1960 foram criadas as **comissões preparatórias**, que elaboraram os esquemas de trabalho para o Concílio a partir das sugestões de temas.
- Em 1962, no início do Concílio, havia 65 esquemas preparados.
- **11 de outubro de 1962: abertura do Concílio.**

A cronologia do Concílio

- 11 de outubro a 8 de dezembro de 1962: **primeira sessão** (estudo da Constituição sobre a Liturgia e recusa do esquema da Constituição sobre a Revelação)
- 1963: morte de João XXIII e eleição de Paulo VI
- 29 de setembro a 4 de dezembro de 1963: **segunda sessão** (discussão do esquema sobre a Igreja e aprovação da *Sacrosanctum Concilium*)
- 14 de setembro a 21 de novembro de 1964: **terceira sessão** (promulgação da *Lumen Gentium*).
- 14 de setembro a 07 de dezembro de 1965: **quarta sessão** (promulgação da *Dei Verbum* e *Gaudium et Spes*)
- **08 de dezembro de 1965: encerramento do Concílio.**

Discurso de abertura do Papa João XXIII

Ótica fundamental do Concílio
Espírito que deveria animá-lo
Atitude evangélica adotada pela Igreja em relação à missão

Três direções:

- Fidelidade à riqueza perene da revelação obtida na Tradição viva;
- Atenção cuidadosa aos novos cenários do mundo contemporâneo;
- Anúncio do Evangelho numa linguagem que pudesse ser entendida pela sua geração.

“O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz (...). A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito (...). É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do « depositum fidei », isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance.

Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral (...). Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações”.

Papa João XXIII, Discurso de abertura do Concílio, 11/10/1962.

Características do Concílio

Enquanto Concílios anteriores eram convocados para discutir questões doutrinárias o Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII para que a Igreja pensasse sobre o anúncio do Evangelho na modernidade.

Seus princípios básicos são o **aggiornamento** (atualização, abrir as janelas) e uma identidade como ***Ecclesia semper reformanda*** (Igreja em estado de renovação contínua). A intuição dos padres conciliares foi de que tais ideais seriam alcançados mediante um **retorno às fontes** que a permitisse revisar seu **paradigma teológico**.

Dessa forma, por mais que o Concílio Vaticano II tenha sido um Concílio de caráter pastoral, seus documentos representam essa revisão do paradigma teológico. A renovação da vida pastoral, litúrgica, missionária e moral exigia antes revisitar a forma como a Igreja entendia sua teologia.

Os documentos do Concílio

4 Constituições

- **Dei Verbum**
- **Lumen Gentium**
- **Sacrosanctum Concilium**
- **Gaudium et Spes**

Espinha dorsal do Concílio, trazem verdades importantes de ordem doutrinal, mas também pastoral.

3 declarações

- **Dignitatis Humanae**
- **Gravissimum Educationis**
- **Nostra Aetate**

Pensamento da Igreja sobre questões mais vastas, das quais não só ela se ocupa.

9 decretos

- **Ad Gentes**
- **Presbyterorum Ordinis**
- **Apostolicam Actuositatem**
- **Optatam Totius**
- **Perfectae Caritatis**
- **Christus Dominus**
- **Inter Mirifica**
- **Unitatis Redintegratio**
- **Orientalium Ecclesiarum**

Disposições disciplinares e pastorais, de ordem mais prática. Aplicação concreta dos princípios doutriniais expostos nas Constituições.

A Dei Verbum

- Promulgada pelo Papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965, após 2344 votos favoráveis e apenas 6 votos não favoráveis.
- A aprovação da Dei Verbum não foi simples, dado seu caráter dogmático.
- Suas contribuições são duas principais: redescobrir a verdadeira face de Deus e reencontrar familiaridade com a Sagrada Escritura.
- Uma constituição dogmática sobre a Revelação divina.
- Questão de fundo: Como pode ser possível que Deus se faça conhecer? Como Ele comunica a Si mesmo?

A Dei Verbum

- Na longa história da Revelação, o meio privilegiado pelo qual Deus se dirige às pessoas permanece sendo a Palavra.
- No AT, palavra é *dabar*, que expressa, ao mesmo tempo, o falar e o conteúdo. Manifesta os pensamentos, as intenções, as ideias, o ser e a personalidade de quem fala. O componente qualificador da pessoa é o seu falar.
- Deus utiliza a palavra para se revelar porque adentra, assim, naquilo que é específico da existência humana.
- Não faltam, no entanto, aspectos particulares. O primeiro é de que a Palavra de Deus tem força criadora e eficácia única.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

2. **Aprouve a Deus**, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina.

Em virtude desta revelação, Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles, **para os convidar e admitir à comunhão com Ele**. Esta «economia» da revelação realiza-se **por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si**, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

2. Porém, **a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens**, manifesta-se-nos, por esta revelação, **em Cristo**, que é, simultaneamente, o **mediador e a plenitude** de toda a revelação.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

3. Deus, **criando e conservando todas as coisas pelo Verbo**, oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação e, além disso, **decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural**, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação, e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação. No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo, povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; **assim preparou Deus através dos tempos o caminho ao Evangelho.**

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

4. Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus **nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho.**

Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai, com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que **Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna.**

Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e **não se há-de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo.**

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

5. A Deus que revela é devida a «obediência da fé».

Para prestar esta adesão da fé, são **necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo**, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá «a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade». Para que a compreensão da revelação seja sempre mais profunda, **o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé** mediante os seus dons.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

6. O sagrado Concílio professa que **Deus**, princípio e fim de todas as coisas, **se pode conhecer com certeza pela luz natural da razão a partir das criaturas**»; mas ensina também que **deve atribuir-se à Sua revelação «poderem todos os homens conhecer** com facilidade, firme certeza e sem mistura de erro **aquilo que nas coisas divinas não é inacessível à razão humana**, mesmo na presente condição do gênero humano».

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

7. Deus dispôs amorosamente que **permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado** para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, **mandou aos Apóstolos que pregassem a todos**, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o **Evangelho** prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente (...).

Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, **os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores**, «entregando lhes o seu próprio ofício de magistério».

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

9. **A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si.** Com efeito, **derivando ambas da mesma fonte divina,** fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, **ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência.**

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

10. **A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja.**

Porém, **o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao magistério vivo da Igreja**, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este magistério **não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço**, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

11. **As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo.** Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor.

Todavia, para escrever os livros sagrados, **Deus escolheu e serviu-se de homens** na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria.

(...) por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura **ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade** que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

12. Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve **investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar** e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras.

Mas, como a Sagrada Escritura **deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita**, não menos atenção se deve dar, na investigação do reto sentido dos textos sagrados, ao contexto e à unidade de toda a Escritura, tendo em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

15. A «economia» do Antigo Testamento destinava-se sobretudo a **preparar, a anunciar profeticamente e a simbolizar** com várias figuras o advento de Cristo, redentor universal, e o do reino messiânico. Mas os livros do Antigo Testamento, segundo a condição do gênero humano antes do tempo da salvação estabelecida por Cristo, manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem, e o modo com que Deus justo e misericordioso trata os homens. Tais livros, apesar de conterem também coisas imperfeitas e transitórias, revelam, contudo, a **verdadeira pedagogia divina**.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

19. A santa mãe Igreja defendeu e defende firme e constantemente que estes quatro Evangelhos, cuja historicidade afirma sem hesitação, **transmitem fielmente as coisas que Jesus, Filho de Deus, durante a sua vida terrena, realmente operou e ensinou para salvação eterna dos homens, até ao dia em que subiu ao céu.**

Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro Evangelhos, escolhendo algumas coisas entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das igrejas, conservando, finalmente, o caráter de pregação, mas sempre de maneira a comunicar-nos coisas autênticas e verdadeiras acerca de Jesus. Com efeito, quer relatassem aquilo de que se lembravam e recordavam, quer se baseassem no testemunho daqueles «que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra», fizeram-no sempre com intenção de que conheçamos a «verdade» das coisas a respeito das quais fomos instruídos.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

21. **A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor**, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé.

É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

22. É preciso que os fiéis tenham **acesso patente à Sagrada Escritura**.

Mas, visto que a palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

[Sobre a investigação bíblica]

23. O sagrado Concílio encoraja os filhos da Igreja que cultivam as ciências bíblicas para que continuem a realizar com todo o empenho, segundo o sentir da Igreja, a empresa felizmente começada, renovando constantemente as suas forças.

24. A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo.

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

25. É necessário, por isso, que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes de Cristo e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um **contato íntimo com as Escrituras**, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne «pregador vão e superficial da palavra de Deus. por não a ouvir de dentro».

Do mesmo modo, o sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam «a sublime ciência de Jesus Cristo» com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque «a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo».

Dei Verbum

1. A Revelação em si mesma
2. A transmissão desta Revelação
3. A Inspiração da Escritura
4. O Antigo Testamento
5. O Novo Testamento
6. A Escritura na vida da Igreja

25. Debrucem-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que **a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração** para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem; porque «a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos».

INDICAÇÕES

